



# PERPETINHA AINDA VIVE

**Diacul?** O caboclo da perda e esquecida venda do beira da estrada no sertão do Goiás abanou a cabeça, começou a falar de uma outra história de amor também acontecida ali em Barra do Garças, «mas lá pra cima»; uma história que disse ter ouvido de seus pais, aos seus pais de seus avós... aconteceu há muito tempo, esquecera detalhes.

— Mas se você vai lá pra Barra do Garças, procure saber a história de Perpetinha... o que aconteceu com ela... e se Perpetinha ainda vive...

### A Marcha para o Oeste

**A** placa de acrílico sobre a mesa informa que ele é o prefeito de Barra do Garças: Valdon Varjão, um mulato alto e forte, dono de cartório, cearense, como cearenses, balaios, mineiros, paulistas e gaúchos são 95% da população. Sem sequer levantar os olhos do que está assinando, a pergunta tral toda uma desconfiância:

— Essa reportagem... é sobre Índio ou sobre o desenvolvimento de Barra do Garças?

Se for sobre os Índios, não dirá nada; agora, se for sobre o desenvolvimento de Barra do Garças... «Você sabia que isto aqui, há apenas dez anos, era uma rua de garimpeiros às margens do Araguaia? E que hoje é a «Capital das Agropecuárias»? O «Portal da Amazônia»? Não? Pois é... sabia também que nada menos de 120 S/As, oito mil propriedades individuais e um bilhão de cruzelros - eu disse: um bilhão - em investimentos se acham concentrados aqui em Barra do Garças?»

Não sabia, mas começava a desconfiar. Chegara a conhecer a «rua de garimpeiros» de que falara o prefeito Valdon Varjão, lá por 65 ou 68, repórter dos Diários Associados, passara um dia e uma noite em Barra do Garças/Araguaia, acompanhando uma missão do CAN (Correio Aéreo Nacional). E, nessas dez anos, a mudança havia sido brutal: estrategicamente situada em uma zona de transição entre o Pícnolo Central e a Bacia Amazônica - Paralelos 9 e 10 - Barra do Garças subitamente passou a despertar o interesse das grandes empresas multinacionais e a ganhar os benefícios de incentivos fiscais da Sudam, Proterra e Polocentro, a estabelecer, como marco divisor para a concessão desses mesmos benefícios, o Paralelo 10.

— ... não sabia, não é? E vocês, jornalistas, não gostam também dessa? Sabe quem são os nossos maiores investidores? (riso de suspensas) Um é o papa Paulo VI... o papa... o Grupo Liquegás não é do Vaticano? Pois é, o Projeto Sulá-Missu é dele. Vai ser a maior fazenda do mundo: colza de 300 milhões de cruzelros, 300 mil cabeças de gado, frigorífico para abater 400 cabeças por dia...

— E o outro?

— O outro? Ele: Sílvio Santos. Sim senhor, o Sílvio Santos...

Varjão apanha um exemplar da revista Centro-Oeste, de Goiânia, especializada em matérias-pagas, e que traz uma reportagem sobre a sua administração. No item «Aspectos Econômicos», citam-se números: 120 S/As, 181 estabelecimentos industriais, 36 de comércio atacadista, 637 de varejista... 18 casas de tolerância. Nesse momento entra na sala o assessor jurídico do prefeito, o ex-juiz de Direito Daphnis de Oliveira, mineiro de Salto da Divisa. Escuta em silêncio uns 10 minutos, depois chama Varjão em particular, diz, então, ter um esclarecimento a fazer: — ... o nosso grande problema aqui é outro: o dos Índios. Vocês, jornalistas de São Paulo e do Rio, só publicam um lado da questão. Mas desconhecem a verdade verdadeira. A de que o Índio, superprivilegiado, é mantido numa total ignorância, prostituindo suas mulheres, pederastizando seus homens e aprendendo a beber para continuar servindo de matéria prima a uma indústria chamada de «preservação indígena»...

— Indústria? — Retira de uma pasta 007 um ofício, endereçado ao «Ilmo. Sr. Diretor do Jornal do Brasil»:

«Na edição do dia 7 de outubro do corrente ano, este prestigioso órgão de informação publicou uma notícia sob o título «Deputado é Acusado de Atacar

Índio» (deputado Ladislau Cristino Cortes, estadual, da Arena) e nas considerações do texto envolve o prefeito de Barra do Garças como instigador do conflito entre Índios e brancos em nosso município.

«Acontece, sr. diretor, que sempre se procurou ocultar a realidade sobre o problema do Índio porque há por trás dele um montão de ambições não muito lícitas que transformam o Índio em matéria prima de uma indústria apelidada de preservação da cultura indígena».

«O problema é muito mais delicado que os desmentidos feitos por alguns setores da Funai que procuram sempre culpar unicamente os desbravadores, quando são eles que consolidam o Índio do relacionamento com os brancos, a ponto de afirmarem que «se Índio matar branco nada acontece, mas se branco matar Índio será castigado», como se a finalidade do órgão encarregado da política do Índio fosse espalhar a divergência entre o silvícola e o civilizado.

«... na região do Kuluene e nas cercanias do povoado de Novo Paraíso estão terras de grande fertilidade, com 400 alqueires já transformados em roça, prontos pra serem plantados e que os xavantes estão tentando impedir com ameaças cada vez mais ouvidas, portadores que são de modernas armas que ditos empregados para caça, estão servindo para amedrontar e ameaçar um povoado que apenas quer trabalhar».

Daphnis de Oliveira coloca as botas sobre a mesa, externa, professoralmente, a sua opinião:

— Eles (da Funai) consentiram o Índio da sua irresponsabilidade. O Índio é um ladrão nato... Um deputado federal até já me aconselhou: «Não mexa com os Índios... aquilo é uma Máfia...»

— E a história de Perpetinha, você conhece?

— Não... conheço a da Diacul, que era aqui de perto... dessa Perpetinha não conheço não... mas o que se deve fazer com o Índio aqui no Brasil é o que se fez com o negro: integrá-lo na civilização e não isolá-lo, como a Funai vem fazendo. E...

Também o advogado Florivaldo Flores Lopes, líder do MDB, nunca ouviu falar de Perpetinha. Mas sobre o Índio ele igualmente afirma ser «um instrumento, uma figura de vitrina; é um latifundiário, com extensas terras para caçar, pescar e matar preá, enquanto o verdadeiro pioneiro, o desbravador, não tem nada, pela perda tudo para ele, o Índio... O que é preciso é integrar o Índio na sociedade moderna, pois não mais se concebe grupos minoritários privilegiados».

Florivaldo é o advogado do fazendeiro Otacilio José dos Santos, o Otacilio Toninho (ele é meio pancadinho, mesmo...), que já foi comparado a Hitler e a Mussolini pela imprensa internacional quando expulsou xavantes e padres salesianos da Reserva de São Marcos, que dizia ser sua fazenda.

— Para que isso?

— Precaução.

eram duas as precauções, que foram colocadas ao alcance da mão: dois 38 cano longo, que Jamiro Arantes carregou noite e dia, devidamente autorizado pela Funai, ele que coordena, em Barra do Garças, a abertura de mala uma reserva indígena, a nona, de Kuluene (as outras: parte do Parque do Xingu, Tapirapé, Pimental Barbosa, Arêdes, Couto Magalhães, Sangradouro, São Marcos e Meruri).

— No fundo, todo mundo sabe: o problema é terra, terra boa. Terra que val produz quatro milhões de sacas de arroz na próxima safra e dar posto para seis milhões de cabeças de gado nos próximos dez anos. Valem-se de tudo para expulsar o Índio, muitas vezes sob o rótulo de melhor ajudar a «integração». Aconteceu em Sulá-Missu, quando os xavantes que lá viviam foram transferidos para a Reserva de São Marcos...

— E a história da Perpetinha, Jamiro, você já ouviu falar?

— Perpetinha... Maria Perpétua Moreira... aquela história do massacre dos Índios Guajajaras, lá no Maranhão, não é? Praticamente acabou com eles... Foi no início do século e os poucos que conseguiram escapar fugiram em direção à selva amazônica... lá na região do Sulá-Missu, agora da Liquegás... A história do amor do Índio Ribeiro por uma caboclinha, a Perpetinha... uma história bonita e triste que só vendo... Foi assim:

### Uma história de amor

**T**erminada a reunião, os anciões que integravam o Grande Conselho Guajajara, da outora Grande Nação Timbira haviam decidido: todos seriam mortos. O dia seria o amanhecer de 13 de março de 1901 e se convocavam todos os valentes para a vingança, o ataque que seria desfechado

contra a pequena Igreja de São José da Providência, da colonização franciscana do Alto Alegre, entre o povoado de Barra do Corda e a cidadela de Grajaú, bem no centro do Maranhão. Tinha que ser assim, explicaram.

Entretanto, um jovem Índio, Ribeiro, 27 anos, não estava totalmente convencido. Guardava muitas dúvidas no coração e, o que era pior, não tinha com quem conversar, desabafar. E não seria com frei Salvador ou com a irmã Natália, da missão, a quem iria pedir orientação, eles também estavam marcados para morrer. Caborê e Gregório haviam sido itaxativos: ninguém, mas ninguém mesmo, deveria sair com vida. Ninguém?

Não - Ribeiro tomou a decisão -, uma pessoa, pelo menos, viveria. Ribeiro estava amando. Mas não era correspondido. Amava desesperadamente, apaixonadamente a Maria Perpétua Moreira, a Perpetinha, 14 anos, que vivia com as irmãs do Alto Alegre desde pequeninha, apesar de ter família em Barra do Corda. Não - Ribeiro tomou a decisão - Perpetinha não iria morrer. Seria dela.

Não gostara - e isso desde o início - da presença daqueles brancos nas reuniões do Grande Conselho, falavam e gesticulavam muito. E bem verdade que os guajajaras tinham muitas reclamações dos frades capuchinhos, que haviam chegado a Alto Alegre - contara-lhe um dia frei Zacarias - lá pelo ano de 1663. Os frades, com a desculpa de evangelizar os pequenos curumins, tiravam-nos dos pais e os mantinham internados, longe da família. E quando era dia de visitas, os curumins choravam, contavam que apanhavam muito, queriam ir embora. Caborê e Gregório eram os pais que mais se revoltavam.

(Depois dos dois massacres - o dos religiosos e o revide - comentou-se que os guajajaras teriam sido instigados pelos próprios comerciantes brancos da região, a perder negócios e dinheiro com a política adotada pelos franciscanos, a de formar primitivas cooperativas que iam tornando os Índios cada vez mais auto-suficientes).

E nada, absolutamente nada, indicava que o dia 13 de Março de 1901 passaria para a história da presença franciscana no Brasil como aquele ficaria conhecido como o Dia dos Mártires. Na pequena capela de São José da Providência comprimiavam-se 240 pessoas; o frade Zacarias (que celebrava a missa), Salvador e Rinaldo; as irmãs Eufênia, Maria Ana, Natália, Inês, Maria e Bernadete; os irmãos leigos Pedro Navares e Carlota; Maria Perpétua Moreira, a Perpetinha, muitas fiéis e algumas meninas Índias, que haviam sobrevivido a uma epidemia de tifo, que assolara a missão religiosa.

A primeira flecha pegou o meio das costas de frei Zacarias, no momento em que erguia a hóstia, fazendo-o tombar, já morto, sobre o altar. Então, 600 guajajaras invadiram a pequena capela, abafando com seus gritos de vingança outros gritos de suplica, gemidos e pavor. Quando se fez novamente silêncio, jaziam no chão de terra, nos bancos, no altar, 239 cadáveres deformados. Apenas uma pessoa havia sido poupada. E ela, agora estava nos braços fortes do Índio Ribeiro.

O revide não se fez esperar e, praticamente, varreu do Maranhão a nação Guajajara. Caborê foi preso para amanhecer, morto, envenenado, na cadeia da Barra do Corda (circunstância que veio reforçar a versão de que brancos o mataram, para não denunciar quem o havia instigado); Gregório desapareceu; os que não morreram baleados, nas matas, foram enforcados; a poucos conseguiram escapar, em direção à selva amazônica: entre eles, Ribeiro. Levando Perpetinha.

Pela selva, uns brancos chegaram ainda a perseguir o punhado de guajajaras sobreviventes, a ordem que tinham era a de matar todos. E, se possível, salvar, resgatar a Perpetinha. E foi assim que, um dia, surpresos, depararam com uma árvore onde puderam ler, gravada toscamente no tronco, uma mensagem:

«Por aqui passou a infeliz Perpetinha». Espantados, seguiram em frente, buscando novas árvores, novas mensagens, qualquer sinal deixado por uma caboclinha chamada Maria Perpétua Moreira. E encontraram, quase um ano e quilômetros de selva depois:

«Perpetinha por aqui passou com seu filho».

Outro ano se passou, até outra árvore: «Perpetinha ainda vive».

Já, ali, a curiosidade suplantara a solidariedade ou qualquer desejo de vingança. E os brancos se embrenharam ainda mais na selva, examinando cada tronco de árvore, cada detalhe inutilmente. Se Maria Perpétua Moreira, a Perpetinha, 14 anos quando foi raptada, deixou alguma outra mensagem gravada, ela jamais foi encontrada.

E nunca mais se soube dela. Dizem que era bonita.

CEDI - P.I.B.  
DATA 14/03/88  
100-67D32

VERSUS Nº 5 - SP  
1976 / DEZ